

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil Class.: Polít. Ind. Oficial / Minc
 Data: 01/07/94 Pg.: 13 2141

Tupi-guarani vai ser ensinado nas escolas

■ Conselho Estadual de Educação aprova, por unanimidade, a inclusão opcional da língua indígena no currículo do 2º grau

Mesmo sem ainda estarem afiados no português, os alunos do 2º grau das escolas do Rio poderão dedicar algumas horas de estudo ao tupi-guarani — língua praticamente desconhecida e com pouca utilidade. Na terça-feira passada, o Conselho Estadual de Educação aprovou por unanimidade e com louvor o projeto do professor Bayard Boiteaux, de incluir como matéria optativa no currículo das escolas públicas e particulares o ensino de tupi-guarani, família lingüística do tronco tupi falada nos séculos 16 e 17.

“A idéia é mostrar para os jovens a influência da língua dos índios no português falado no Brasil”, disse Boiteaux, presidente em exercício do Conselho. “O tronco tupi foi a primeira fala deste país. Itaperuna, Itaoca, Itacoatiara são palavras do nosso cotidiano e já eram usadas pelos índios há séculos”, explicou.

Críticas — Para o escritor e membro efetivo da Academia Brasileira de Letras, Léo Ivo, as escolas deveriam dar mais atenção ao ensino da língua portuguesa, ao invés de diversificar o currículo. “Este projeto é bizarro. A primeira providência para a melhoria desse sistema educacional

perverso é o investimento no ensino de português”, argumentou. “O tupi-guarani só é importante para especialistas no assunto. Não tem o menor proveito para nós”, alfinetou o imortal.

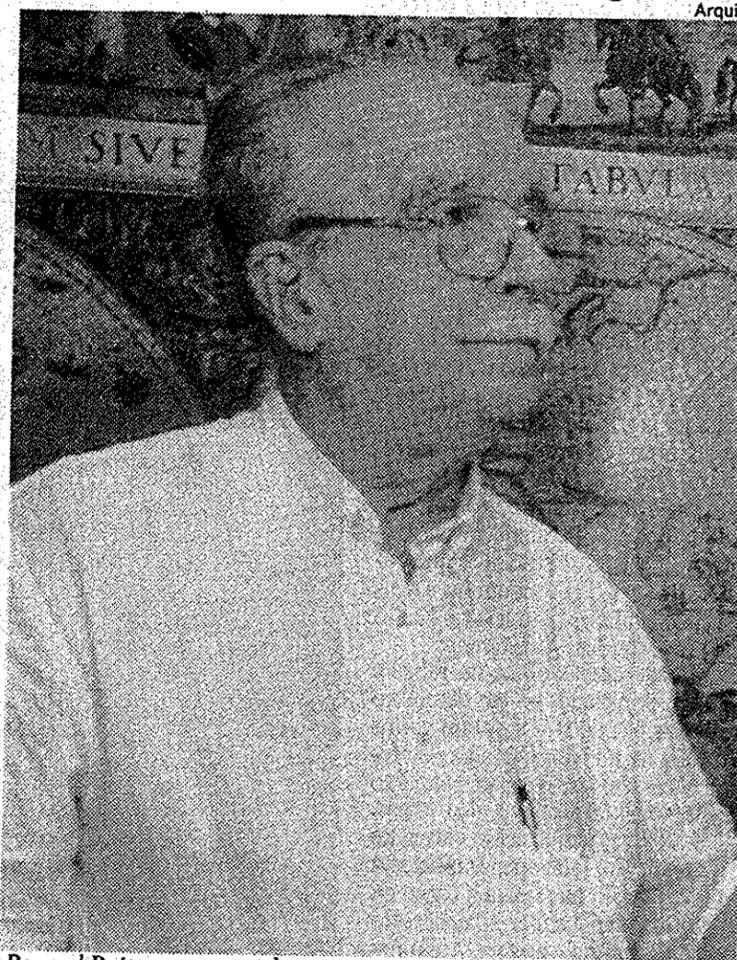
A presidente do grêmio estudantil do Colégio São Vicente de Paulo, Júlia Carvalho, tem a mesma opinião do acadêmico. Para Júlia, aluna da 2ª série do 2º grau, o assunto é pouco interessante e poderia ser incluído em aulas extras. “É uma idéia fútil”, reclamou. Ao que tudo indica, os jovens que sabem pouco português e arrancam o inglês não vão se interessar muito em aprender que o tupi era a língua usada pelos jesuítas nas catequeses e o guarani, um dialeto do tupi.

Ancestral — “O jovem que surfa em Itacoatiara, por exemplo, pode estudar a formação dessa palavra tupi-guarani. Vamos mostrar a importância desse conhecimento ancestral”, afirmou o professor Fernando Cavalcanti, membro do Conselho Estadual de Educação e diretor do Instituto de Educação de Nova Friburgo. Apesar de concordar em que o

projeto não tem grandes chances de emplacar, ele acredita que as escolas que adotarem a nova disciplina vão estar enriquecendo seus currículos.

Fazem parte do conselho que aprovou a inclusão do tupi-guarani no currículo das escolas 24 representantes, entre eles membros dos sindicatos dos donos de escola, dos professores, de profissionais de educação do Interior do estado e de associações de pais. O projeto poderá ser implantado, a partir do próximo semestre, nas escolas que contarem com pessoal especializado e tiverem interesse em oferecer a disciplina a seus alunos. O curso terá duração de três meses a um ano.

“Os dicionários e gramáticas de tupi-guarani são de acesso restrito a lingüistas e antropólogos. Há falta de exemplares desses livros e de especialistas neste assunto”, criticou a antropóloga Ana Paixão, do Museu do Índio. O autor do projeto concorda em que não é fácil achar um professor de tupi-guarani, mas garante que a escassez de profissionais não inviabiliza o programa.



Bayard Boiteaux, autor da proposta, quer divulgar o tupi-guarani

Prefeitura cria batalhão ecológico

Quem curte as áreas verdes do Rio vai contar com a ajuda, a partir de julho, do *batalhão ecológico* da Guarda Municipal. Usando bonés verdes e camisas de mangas longas — para proteção em operações na mata — os guardas darão dicas à população sobre preservação e valorização da fauna e flora. A equipe inicial é de 22 guardas, mas será aumentada, chegando a 200 no próximo ano. Todos receberão aulas durante um mês sobre ecossistemas, processos de degradação, desmatamento e leis ambientais.

Além da orientação ecológica, eles trabalharão como *fiscais* do meio ambiente, denunciando desmatamentos e queimadas. O primeiro curso, que começa dia 5 de julho, servirá como experiência para a formação dos primeiros 22 guardas verdes. Eles receberão formação sobre as leis ambientais do município, o controle da poluição — sonora, hídrica e do ar — as áreas de risco, e também de primeiros socorros.

“Os guardas serão confrontados às mais diversas situações: de poluição sonora, pesca predatória à ocupações irregulares”, acrescenta a gerente de educação ambiental da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Estela Neves. “Eles vão aprender a melhor forma de abordar os problemas junto à população”, lembra.

Os *vigilantes da natureza* foram escolhidos entre os mais capacitados do efetivo de 3.200 homens da Guarda Municipal. Eles estarão espalhados em praças, parques e áreas de proteção ambiental da cidade — Prainha, Bosque da Freguesia e Floresta da Tijuca —, mas também em locais de lazer, como na futura ciclovia Mané Garrincha — que vai ligar o Leme ao Centro a partir do próximo verão.

Literatura iniciou discussão

A decisão do Conselho Estadual de Educação traz de volta uma discussão lançada em 1915 por um dos mais polêmicos personagens da literatura brasileira. Policarpo Quaresma, criado por Lima Barreto, escandalizou os poderosos da recém-proclamada República, no fim do século passado, ao propor a adoção do Tupi-Guarani como língua oficial do país. Nacionalista ardoroso, para quem o destino do país era liderar todas as outras nações, o personagem-título de *Triste fim de Policarpo Quaresma* passou a vida procurando aspectos que destacassem a individualidade e independência do Brasil em relação a qualquer outro país.

Para Policarpo, o Português nada mais era do que uma língua estrangeira, que deveria ser subs-



Lima Barreto: defesa do idioma

tituída por um autêntico idioma nacional. Quando não despertava irritação por suas idéias, o anti-herói de Lima Barreto era ridicularizado e tratado como um maluco qualquer. Além de estudar o Tupi-Guarani, Policarpo passava a vida pesquisando como tornar o Brasil mais brasileiro, através de uma cultura e um modelo econômico que transformassem o país em um exemplo de autonomia e felicidade.

Ao contrário da recompensa merecida, o amor extremado de Policarpo por seu país não teve a recompensa merecida. Depois de se alistar voluntariamente ao Exército, que combatia no Rio a Revolta da Armada, Policarpo acabou acusado de traição, condenado e fuzilado. Muito mais do que triste, um fim irônico.

VESTÍGIOS DE UMA LÍNGUA

A influência do Tupi-Guarani na língua portuguesa restringe-se às designações geográficas (toponímia) e a nomes de alguns pratos brasileiros, animais e plantas. A palavra mirim — que significa pequeno — é uma das que fogem à regra. Uma das heranças do Tupi-Guarani para o Português falado no Brasil é o anasalamento da pronúncia.

As palavras mais usadas pelo brasileiro são:

- Açai — nome de uma palmeira, cujo fruto dá um saboroso suco.
- Amapá — árvore ribeirinha, de látex é medicinal.
- Bangu — colina e nome do bairro mais quente do Rio.
- Caboclo — variação de *caboco*, em Tupi-Guarani. Designa o mestiço de branco e índio.

- Goiaba — vem de *acoyaba*, o agregado de caroços; alusão às muitas sementes da fruta.
- Ipanema — de *y-panema*. Água ruim, rio sem peixes.
- Itaboraí — de *itabora-y*. O rio cheio de cascalhos e pedregulhos. Nome de cidade no Rio.
- Itacuruçá — vem de *itá-curuçá*, a cruz de pedras. Nome de uma praia, em Niterói.
- Itamarati — de *itá-marã-ty*. Água entre pedras claras. Nome do Ministério das Relações Exteriores.
- Itanhangá — Pedra do diabo. Bairro nobre da Zona Oeste.
- Jacaré — de *ya-caré*. Aquele que olha de lado, torto.
- Maracanã — arara vermelha.
- Sapeca — de *sapéc*. Irriquieto ou irritante.